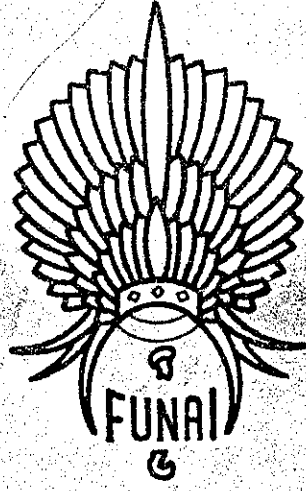


CEDI - P.I.B.  
DATA 20/08/86  
COD. YAD 33



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

TERRA INDÍGENA YANOMAMI

DOCUMENTOS, 1984

D.P.I.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

TERRA INDÍGENA YANOMAMI

DOCUMENTOS, 1984

D.P.I.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Terra Indígena Yanomami, 1984

Apresentação.	03
I. Área Indígena Yanomami	04
a. Grupos Indígenas	04
b. Localização	04
c. Ocupação histórica da área	06
d. Ocupação atual das terras	08
e. Áreas de proteção ambiental	15
f. Ocupação/Situação jurídica	15
g. Infraestrutura existente	17
II. Características do Território Yanomami	18
III. Características Culturais dos Yanomami	20
a. Padrões de Assentamento	20
b. Produção Econômica	24
c. Relações Sociais	25
IV. Situações de Contato	27
a. Surucucus	29
b. Vale dos Rios Aracá e Marauiã	30
c. Vales dos Rios Uraricaã, Coimin e Ericó	33
d. Vales dos Rios Ajarani, Catrimani, Mucajá e Apiaú.	35
V. Conclusão	39
VI. Mapas	
1. Fronteira do Império do Brasil com a República de Venezuela (Esc. 1:1.200.000 Atlas Accompagnant Le 1 <sup>er</sup> , Mémoire Du Brésil/Joaquim Nabuco PT.3).	
2. Waiká, Otto Zerries, 1964	
3. Ocupação territorial dos 4 subgrupos linguísticos Yanomami (Migliazza, E.C., 1972).	
4. Redes de interação entre comunidades e subgrupos decorrentes das necessidades ecológicas, econômicas, sociais, políticas e religiosas da família linguística Yanomami no Brasil (CCPY, 1984).	
5. Referência às Áreas citadas no relatório, 1984.	
6. Surára, Pakidaí Und Ironasitéri Hans Becher, <u>Poré/Perimbó</u> , pesquisa de 1970.	
7. Localização das malocas Yanomami, na Bacia do Rio Uraricaã, 1980/81.	

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

VII. Memorial Descritivo

VIII. Anexos.

1. MINTER, Portaria GM nº 025 de 09.03.82, interdição da Área Indígena Yanomami.
2. FUNAI, Parque Indígena Yanomami, 03.80
3. IBDF, Decreto nº 83.550, Parque Nacional do Pico da Neblina, de 05.06.79.
4. FUNAI, Portarias nºs 505/N de 29.05.78 - 512/N de 07.07.78 - 477/N de 22.12.77 - 513/N de 10.07.78
5. FUNAI, Relatório nº 304/P de 17.06.77 - Levantamento das malocas conhecidas na Área Yanomami com Mapa.
6. IBDF, Decreto nº 51.042 de 25.07.61 - Reserva Florestal do Parima.
7. Proposta de Parque Indígena, 1969.
8. INCRA, Companhia de Desenvolvimento de Roraima (CODESAIMA) CT PRES D nº 176/84 - 13.07.84.
9. IBDF, OF. nº 34/84 - DE/AM de 11.01.84 - Relação de Títulos.
10. Ofício do Instituto de Terras do Amazonas (ITERAM) P/nº 173/83 - Áreas Indígenas APUÍ
11. MINTER, Relatório sobre População Indígena do Território de Roraima, Ottomar de Sousa Pinto, Governador, 1981.
12. FUNAI/BSB/3296/75, Projeto Fundiário de Boa Vista libera 15.000 ha nos rios Catrimani e Ajarani para a criação da Reserva Indígena YANOMAMI.
13. MINTER, Divisão de Segurança e Informações, Missão especial nº 28/81, Relatório.
14. Serviço Nacional de Informação (SNI) Parecer nº 003/5ª SC/79, de 17.12.79
15. Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) P/EXT-116/80
16. FUNAI, OF. nº 345/10ª DR/76.
17. MINTER, Portaria GM nº 422 de 02.09.76
18. FUNAI, Mapa da Área Indígena YANOMAMI, 1984 - Escala 1:1.000.000

---

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

## TERRAS INDÍGENAS YANOMAMI

### Apresentação

Entre os anos 1968 e 1983, inúmeras propostas e/ou declarações foram apresentadas, sem que a questão das terras YANOMAMI tenha sido resolvida. Com o mapeamento da Amazônia pelo RADAMBRASIL e consequentes estudos e levantamentos foi possível chegar a uma elaboração conclusiva do PROJETO GLOBAL da área YANOMAMI.

O presente relatório objetiva argumentos para a delimitação das terras indígenas YANOMAMI, no sentido de concretizar a criação do Parque Indígena, com extensão suficiente em área contínua, salvaguardando desse modo a vida e cultura desse povo.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

I. TERRA INDÍGENA YANOMAMÍ

a) GRUPOS INDÍGENAS

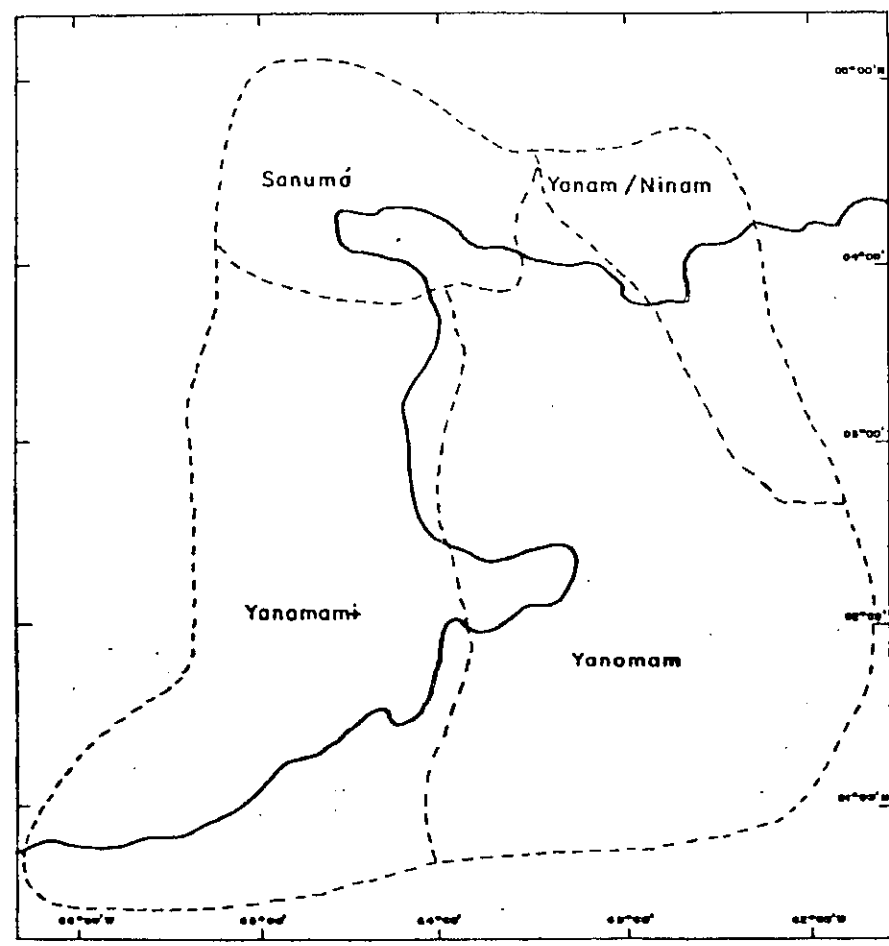
A ÁREA é habitada por cerca de 9.000 indígenas da família linguística Yanomami e por 178 Yekuana (conhecidos no Brasil como Maiongong) , de fala Caribe. Segundo o linguista Ernesto Migliazza, a família Yanomami está dividida em, pelo menos, quatro línguas, cada uma com vários dialetos. Essas línguas são: Sanumá, Yanam ou Ninam, Yanomamí e Yanomam. Outras denominações pelas quais esses indígenas são conhecidos incluem: Waiká, Xiriana, Guaharibo, Karimé, Yanoama, Xirixana, Xamatari, etc. Ocupam a grande região montanhosa na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Sua população total, nos dois países está estimada em cerca de 20.000. Quanto aos Yekuana, também habitantes da região limítrofe, contam com cerca de 2.000 pessoas, a maioria das quais vive na Venezuela.

b) LOCALIZAÇÃO

O ponto de dispersão original da grande família linguística Yanomami, de acordo com as suas tradições, teria sido a região da Serra Parima, junto à qual se encontra hoje a maior concentração Yanomami no Brasil.

A população Yanomami no Brasil vive dispersa em um mínimo de 149 malocas conhecidas no Território Federal de Roraima e no Estado do Amazonas, a grande maioria das quais está localizada ao norte do traçado da rodovia Perimetral Norte, na região do Maciço das Guianas. Essa área está contida em um quadrado que tem como limites: ao sul 00°20' S, ao norte o paralelo 5° N, a oeste o meridiano 66°30' W e a leste o meridiano 61°15' W, numa extensão contínua de 9.419.108 ha.

OCUPAÇÃO TERRITORIAL DOS 4 SUBGRUPOS LINGÜÍSTICOS YANOMAMI  
( MIGLIAZZA, E.C., 1972 )



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

c) OCUPAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA

A ÁREA em apreço é reconhecida historicamente como de ocupação contínua dos índios Yanomami e Yekuana desde tempos remotos. Comprovam-na a própria tradição oral dos índios (Lizot 1977:116) e relatos de diversos exploradores e membros de expedições científicas que percorreram a região, a partir da segunda metade do século 18.

- Em 1787, a Comissão de Limites Portuguesa (Gama Lobo D'Almada) assinala a presença de índios "Oayacas" (Waika) (3) na região das cabeceiras do Rio Parima (ver Coudreau: 1887);
- Em 1838-1839, R. H. Schomburgk encontrou índios Xirixana (3) nas regiões dos Rios Parima, alto Uraricoera e Ilha de Maracá (Humboldt: 1860);
- Em 1912, T. Koch-Grünberg encontrou Waika na região dos rios Uraricoera, Aracá, Mararí, Marauiá e Cauaburis (Koch-Grünberg: 1912-1928);
- Em 1919-1920, A. Hamilton Rice assinala a presença de Waika na região dos rios Orinoco, Parima e Uraricoera (Hamilton Rice: 1921-1928);
- Em 1929-1930, G. Salathé encontrou índios Karimé (grupo local Yanomami) na região do médio Catrimani (Salathé:1932);
- Em 1930, D. Holdridge localizou Waika na região dos rios Catrimani e Demini (Holdridge: 1930);
- Em 1944, A. C. Ferreira Reis, sobrevoando a área, constatou a presença de malocas Waika na região dos rios Lobo de Almada, Toototobi, Mucajaí, Mapulaú e Catrimani (Ferreira Reis : 1944);
- Em 1944, igualmente, Brás Dias de Aguiar constatou a presença de Waika na região dos rios Catrimani, Lobo de Almada, Toototobi, Mucajaí e Mapulaú (Brás Dias de Aguiar: 1944).

Os dois últimos autores faziam parte da Comissão de Limites Brasileiro-Venezuelana.

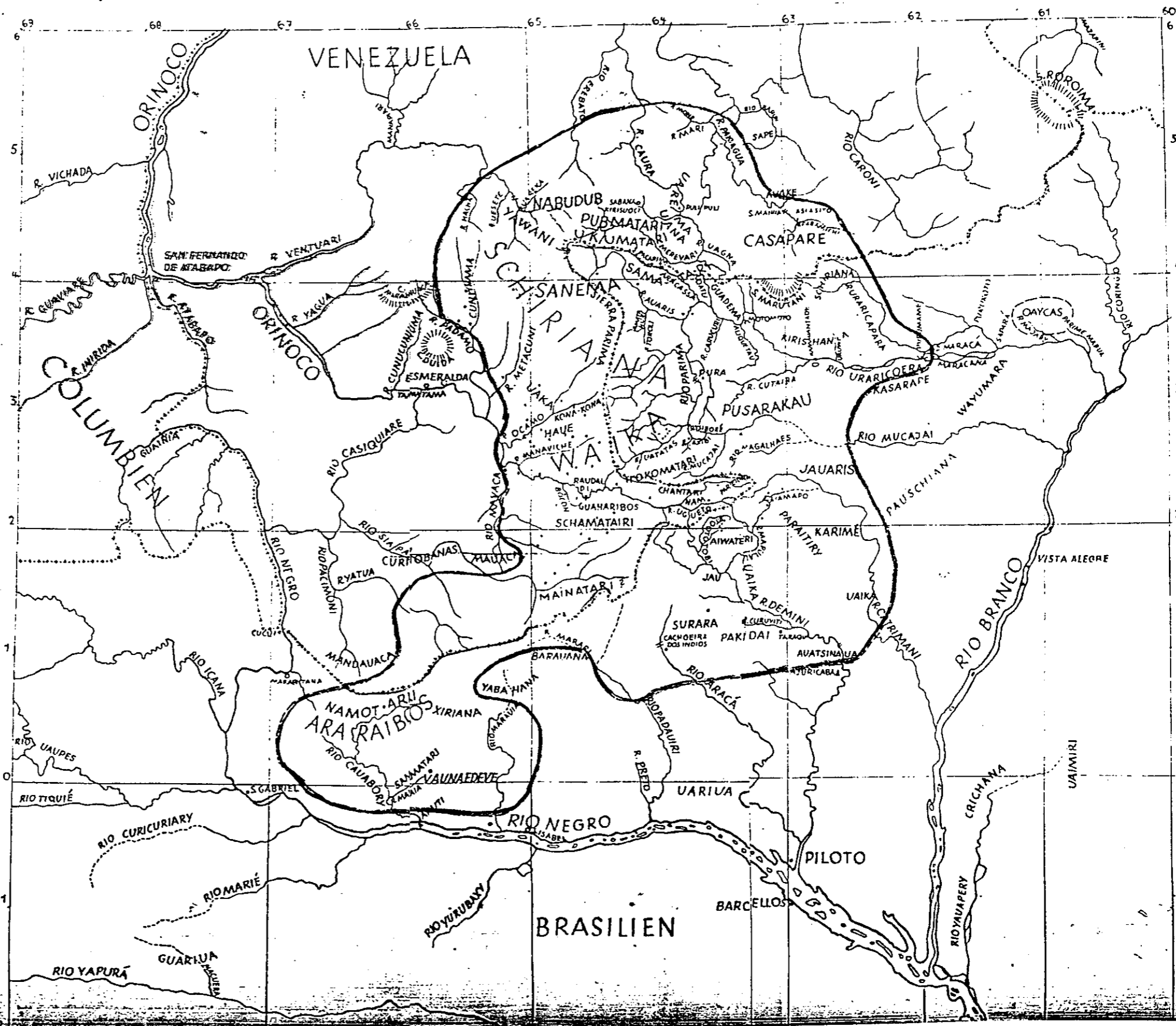
A partir dos anos cinquenta, são inúmeras as referências sobre o território Yanomami (Vide bibliografia de Zerries: 1974 e Migliazza: 1972). Nessa época, começam a ser instaladas na área as primeiras missões protestantes e católicas.



MINISTÉRIO DO INTERIOR

WAIKA, 1964

MAPA DE AUTORIA DE OTTO ZERES, ÁREA YANOMAMI, 1960



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

d) OCUPAÇÃO ATUAL DAS TERRAS

Pelo método glotocronológico, sabe-se que seriam necessários cerca de três mil anos para que a língua original dos Yanomami se subdividisse nas quatro línguas modernas existentes atualmente entre eles, (vide página do presente relatório). Uma vez que os falantes dessas quatro línguas vivem hoje relativamente próximos uns dos outros, supõe-se que originalmente os Yanomami tenham ocupado um território bem maior do que o atual, que permitisse a dispersão geográfica e a consequente diversificação linguística (Smole: 1976).

É necessário tomar em conta o fenômeno desse processo histórico para entender a rede de alianças existentes e a necessidade de movimentação entre as comunidades aliadas, ou em procura de alianças, processo vital para manter viva a estrutura social e econômica.

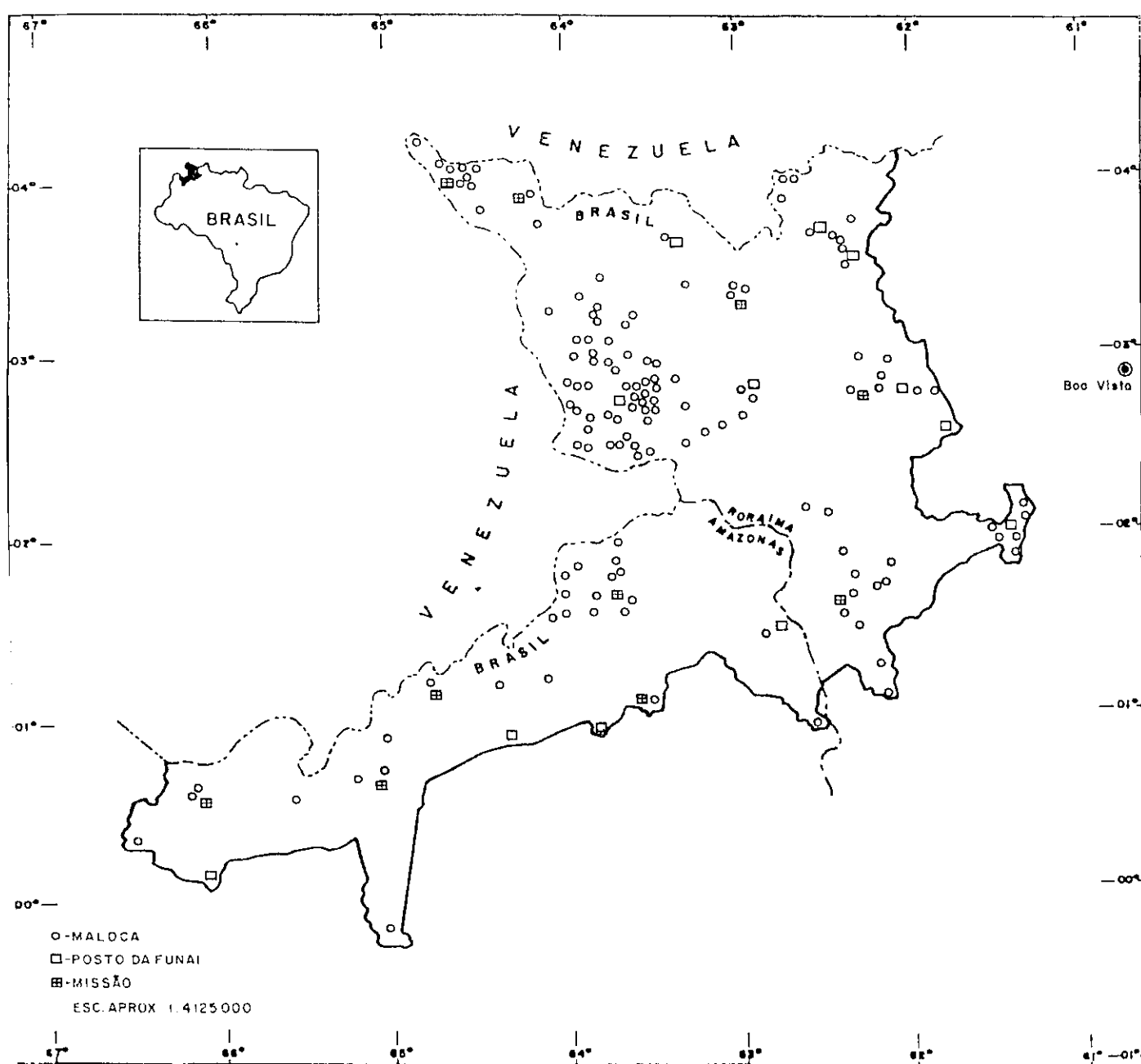
A sistematização usada na presente compilação de dados populacionais Yanomami elaborados com divisões por sub-grupos linguísticos permite visualizar a extensão territorial utilizada por cada um deles.

É bom lembrar ainda que os índios Yekuana estão incluídos nessa proposta como outro grupo étnico que habita o território presentemente pleiteado.

O levantamento demográfico foi realizado, sempre que possível nas próprias malocas. Muitas vezes não houve possibilidade de se fazer esse levantamento por falta de acesso às áreas distantes, sendo então usado o recenseamento de missionários sediados na área. Em outras ocasiões os dados foram recolhidos com base em informação recebida de funcionários da FUNAI. Foram ainda consultados os próprios índios que forneceram dados importantes para a elaboração desse levantamento.

# TERRA INDÍGENA YANOMAMI

1984



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SUBGRUPO LINGÜÍSTICO YANOMAMI

REGIÃO	Nº	MALOCAS	POPULAÇÃO	FONTE	ANO
VALE DO RIO CAUA BORIS.					
	01	Masiribuiwetheri	284	CCPY	1981
	01	Ariabũ	228		
RIO IÁ					
	01	Iá (ou Nazaré)	40	FUNAI	1981
VALE DO RIO MAIÁ					
	01	Wawanawetheri	220	FUNAI	1981
VALE DO MÉDIO RIO MARAULÁ					
	01	Pohorowapihiweytheri	60	DIOCESE DO	1981
		Pulinabuwcytheri	100	RIO NEGRO	1981
		Xamatawêtheri	150		1981
BAIXO RIO MARAULÁ					
	01	Apuí	57	CCPY	1981
VALE DO RIO MARA RÍ					
	01	Habluêtheri	274	NTB	1981
	01	Amarakomarépyuitheri	a pesquisar	Inf.Yanom.	1983
	01	Toxamoxtheri	a pesquisar	Inf.Yanom.	1983
	01	Waharutheri	a pesquisar	Inf.Yanom.	1983
VALE DO RIO ARA CÁ.					
	01	Parahitheri (ou Ara cã).	78	CCPY	1983

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANOMAMÉ

REGIÃO	Nº	MALOCAS	POPULAÇÃO	FONTE	ANO
<b>ALTO RIO DEMINI</b>					
	01	Maxabebeiutheri	50	NTB	1981
	01	Xihoatheri	70	NTB	1981
	01	Haourihitheri	33	NTB	1981
	01	Xamawararabeitheri	30	NTB	1981
	01	Xamatitiobatheri	28	NTB	1981
	01	Arasiktheri	37	NTB	1981
	01	Davi	60	NTB	1981
	01	Viana	15	NTB	1981

**BAIXO RIO DEMINI**

	01	Tuxaua Valdemar (ou Taraguá).	11	Proj. Rondon	1981
--	----	-------------------------------	----	--------------	------

SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANOMAM

**VALE DO RIO COUITO  
DE MAGALHÃES**

	02	Mahaãrutheri (ou paabi <u>u</u> theri).	39	CCPY	1984
	01	João Telo	28	CCPY	1984
	01	Kato	40	CCPY	1984
	01	Asi-a	21	CCPY	1984

**SERRA DE SURUCU  
CUS E VALE DO  
RIO PARIMA.**

	03	Aronkoftheri	a pesq.	FUNAI	1983
	02	Porapeytheri	a pesq.	CCPY	1983
	02	Kataloatheri	a pesq.	CCPY	1983
	02	Uruxiptheri	a pesq.	CCPY	1983
	03	Nýmakhiaptheri	a pesq.	CCPY	1983
	02	Tixokoptheri	a pesq.	CCPY	1983
	03	Yutupitheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Hamosteridtheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Pahaytheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Pokalauhututheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Kunaptheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Hudiatheri	a pesq.	CCPY	1983
	01	Xereýtheri	a pesq.	CCPY	1983

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANOMAM

REGIÃO	Nº	MALOCA	POPULAÇÃO	FONTE	ANO
	03	Kopaýtheri	a pesquisar	CCPY	1983
	01	Yarimýtheri	a pesquisar	CCPY	1983
	02	Amokoapétheri	a pesquisar	CCPY	1983
	01	Koamaitheri	a pesquisar	CCPY	1983
	02	Taremýtheri	a pesquisar	CCPY	1983
	12	Tisiporatheri	a pesquisar	CCPY	1983
	02	Potomatheri	a pesquisar	CCPY	1983
	02	Manēpétheri	a pesquisar	CCPY	1983
	02	para pesquisar	a pesquisar	CCPY	1983
	01	Iromoptheri	a pesquisar	CCPY	1983
	01	Simokoptheri	a pesquisar	CCPY	1983
	01	Aykamtheri	a pesquisar	CCPY	1983
VALE DO RIO URARICOERA					
	03	Palimiutheri	103	MEVA	1981
VALE DO RIO ARACAÇA					
	14		a pesquisar	FUNAI	1977
VALE DO RIO CUTAIBA					
	01	Budutheri	40	MEVA	1981
	01	Xaropitheri	40	MEVA	1981
	01	Malakautheri	50	MEVA	1981
VALE DO RIO TOOTOIOBI					
	01	Fialho	33	NTB	1981
	01	José	21	NTB	1981
	01	Plínio	68	NTB	1981
	01	Roberto	94	NTB	1981
	01	Tomé	58	NTB	1981
VALE DO RIO DE MINI (KM-211 NA BR-210).					
	01	Hapahanapitheri	47	FUNAI	1983

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANOMAM.

REGIÃO	Nº	MALOCA	POPULAÇÃO	FONTE	ANO
<b>VALE DO RIO CA TRIMANI.</b>					
	01	Wakathautheri	73	Diocese Roraima	1984
	01	Hawarihipitheri	27	Diocese Roraima	1984
	01	Rotiptheri	13	Diocese Roraima	1984
	01	Wapokohipitheri	24	Diocese Roraima	1984
	01	Opiktheri Km-133	10	Diocese Roraima	1984
	01	Opiktheri Km-132	29	Diocese Roraima	1984
	01	Opiktheri Km-135	48	Diocese Roraima	1984
	01	Apiahiuprautheri	34	Diocese Roraima	1984
	01	Hewenahipitheri	55	Diocese Roraima	1984
	01	Kawahiporatheri	12	Diocese Roraima	1984
<b>VALE DO RIO AJARANI</b>					
	01	Pé de Pato	05	CCPY	1984
	01	Alfredo	09	CCPY	1984
	01	Flechal	10	CCPY	1984
	01	Pedrinho	14	CCPY	1984
	01	Maria Velha	10	CCPY	1984
		Santarém	02	CCPY	1984
<b>BR-210 (PERAMBULAM)</b>					
			16	FUNAI	1984
<b>SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANAM/NINAM</b>					
<b>VALE DO MÉDIO RIO MUCAJÁI</b>					
	01	Kainautheri (ou MÁRIO)	110	MEVA	1983
	01	Korokēnahitheri (ou Wakop).	52	MEVA	1983
	01	Ononi	70	MEVA	1983
	01	Sikeimapiutheri (ou Paulo).	73	CCPY	1983
	01	Pauxi (*)	36	CCPY	1984
	01	Concha Velha (*)	35	FUNAI	1984

(\*) Subgrupo Linguístico YANOMAM

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

SUBGRUPO LINGUÍSTICO YANAM/NINAM

REGIÃO	Nº	MALOCA	POPULAÇÃO	FONTE	ANO
VALE DOS RIOS URARICAÁ, ERICÓ E SURUBAI					
	01	Xurupaytheri	a pesquisar	Inf. Yanomami	1983
	01	Auaraitbery	a pesquisar	Inf. Yanomami	1983
	01	Ericoytheri	43	FUNAI	1983
	01	Koaimytheri	33	FUNAI	1983
	01	Akaporaytheri	a pesquisar	Inf. Yanomami	1983

VALE DOS RIOS  
AUARIS

	01	Asakosi	32	MEVA	1981
	01	Auaris	65	MEVA	1981
	01	Hokonato	09	MEVA	1981
	01	Katimani	160	MEVA	1981
	01	Passarão	44	MEVA	1981
	01	Sitiho	11	MEVA	1981
	01	Utima-Sinawa	21	MEVA	1981
	01	Hokomaú	50	MEVA	1981
	01	Kutawakani	25	MEVA	1981
	01	Opotathali	50	MEVA	1981
	03	Sikoi I, II, III.	150	MEVA	1981

SUBGRUPO LINGUÍSTICO SANUMA E YEKUANA

VALE DO RIO  
AUARIS

	01	Lourenço	60	MEVA	1981
--	----	----------	----	------	------

ÍNDIOS YEKUANA

VALE DO RIO  
AUARIS

	01	Kalaikana (Yekuana)	a pesquisar	MEVA	1981
	01	Kutawakani (Yekuana)	a pesquisar	MEVA	1981



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

e) ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

O especial interesse em preservar o ambiente ecológico da região ocupada pelos Yanomami motivou o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) a criar as seguintes áreas de proteção ambiental, abrangendo 29,4% do território Yanomami:

1. Parque Nacional do Pico da Neblina, decreto nº 83.550/79, numa área estimada em 2.200.000 ha no Estado do Amazonas. O Parque Nacional ocupada 1.595.000 ha da área indígena, ou seja 16,9 % da área total do Parque Indígena.
2. Reserva Florestal do Parima, Decreto nº 51.042/61, numa extensão estimada em 1.764.000 ha, no Território Federal de Roraima. A reserva ocupa 1.595.000 ha da área indígena, criando uma superposição de 16,9% à área total do Parque Yanomami.

f) OCUPAÇÃO/SITUAÇÃO JURÍDICA

A iminência da ocupação econômica acelerada da região e a consequente ameaça aos índios Yanomami acabaram determinando o surgimento de várias propostas de delimitação, visando a proteção dos direitos dos índios, no que diz respeito à posse e ocupação de suas terras.

Foram adotadas, até a presente data, as medidas oficiais a seguir enumeradas.

1. A delimitação de 21 áreas separadas em 77/78 pelas portarias nºs 477/N, 512/N e 513/N;
2. Proposta da FUNAI para um Parque Indígena YANOMAMI em 1980, com extensão de 10.095.945 ha;
3. A Portaria GM/025, de 09.03.82, do Gabinete do Ministro do Interior, elegeu uma área contínua de aproximadamente 7.700.000 ha, para efeito de delimitação das terras indígenas YANOMAMI. Esta medida é de caráter preventivo.
  - 3.a. Com a apresentação da proposta pela FUNAI, relativa à definição da área indígena, será elaborado um projeto de decreto estabelecendo os limites da área indígena considerada, cuja demarcação far-se-á com base no ato homologatório.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

4. Convém esclarecer que a Portaria GM/025, de 09.03.82, não considerou, para efeito de delimitação, áreas de ocupação dos índios Yanomami, que a despeito de já terem sido anteriormente reconhecidas como de ocupação indígena, encontram-se destacadas da área eleita pela Portaria supra, o que, sem sombra de dúvida, contribui para a penetração, ocupação e fixação de elementos não índios na área. As áreas a que nos referimos são as seguintes:

Localização/Proximidade	Malocas	População Conhecida
<b>Em Roraima</b>		
Catrimani	Wakathautheri	73
Km 135 da BR-210	Opiktheri (Km 135)	48
Km 133 da BR-210	Opiktheri (Km 135)	10
Pacu	Wapokohipitheri	24
	Hawarahipitheri	12
Rio Ajarani	Pedrinho	14
Rio Ajarani	Flechal	10
<b>No Amazonas</b>		
Ajuricaba	Taraguá	40
Matapi	(p/verificar)	
<b>TOTAL</b>		<b>241</b>

5. Existem, ainda, outras áreas comprovadamente dos índios Yanomami que sequer chegaram a ser reconhecidas oficialmente, seja através de Portarias de interdição ou delimitação. São elas:

Localização/Proximidade	Malocas	População Conhecida
<b>Em Roraima</b>		
rio Mucajaí	Concha Velha	35
rio Ajarani (BR-210)	Alfredo	09
rio Ajarani (BR-210)	Pé de Pato	05
rio Ajarani (BR-210)	Maria Velha	10

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Localização/Proximidade	Malocas	População Conhecida
No Amazonas		
Afluentes do Rio Uauai	Aracá	78
rio Iá	Nazaré	cerca de 40
rio Maruiá	Apuí	57
BR-210 (Km-217)	Hapahanapitheri	47.
<b>TOTAL</b>		<b>283</b>

g) INFRAESTRUTURA EXISTENTE

Existem 12 Postos da FUNAI e 10 Missões, 3 católicas e 7 protes-  
tantes, espalhados por vários pontos do território Yanomami.

Todas as missões, exceto Maruiá, têm campo de pouso, como tam-  
bém o têm todos os postos da FUNAI, o PI AJARANI e a Missão Catrimani  
contam como via de acesso também com a rodovia Perimetral Norte. O PI  
do DEMINI é servido por uma pista de pouso na própria rodovia. Surucu-  
cus, Auaris e o PV Waicas são servidos, respectivamente, por aviões  
da FAB; os demais postos e Missões, pelo avião da FUNAI e pequenos mo-  
tomotores comerciais, ou da Missão Asas do Socorro. A partir das mis-  
sões e postos da FUNAI, o acesso às demais malocas circunvizinhas pode  
ser feito a pé, ou em alguns casos, parcialmente de canoa. Pela rodo-  
via Perimetral Norte, aberta de 1974 a 1976, num trecho de 225 quilô-  
metros, podem ser alcançadas as malocas próximas aos rios Ajarani e  
Catrimani.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MISSÕES	LOCAL	ANO DA CRIAÇÃO
Missão Maturacá - Diocese de Rio Negro	AM	1956/57
Missão Mucajaí - MEVA	RR	1958
Missão Toototobi - NTB	AM	1963
Missão Auaris - MEVA	RR	1964
Missão Catrimani - Diocese de Roraima	RR	1965
Missão Mararí - NTB	AM	1966
Missão Marauaiá - Diocese de Rio Negro (desativada em 1976 e reaberta em 1978)	AM	1968
Missão Palimiú - MEVA	RR	1977
Missão Olomai - dão assistência intermi- tente (construção da pista em 1978/MEVA).	RR	
Missão Aracá - NTB	AM	1982

COMUNIDADES COM ASSISTÊNCIA INTERMITENTE LOCAL

Maiã (auxiliar de enfermagem desde 1983)	AM
Iã	AM
Apuí	AM

DESTACAMENTO MILITAR LOCAL ANO DA CRIAÇÃO

Auaris	RR	1982
--------	----	------

POSTOS E MISSÕES NA ÁREA YANOMAMI EM 1984

	PORT.	LOCAL	ANO DE CRIAÇÃO
PIA PADAUARI (*)	03/N	AM	1974
PIA ARACÁ (*)	04/N	AM	1974
PIA PAAPIÚ	921/N	RR	1984
PI DEMINI	922/N	AM	1984
PI MUCAJAI	920/N	RR	1984
PI BOAS NOVAS	919/N	RR	1984
PV APIAÚ	915/N	RR	1984
PV WAIKAS	918/N	RR	1984
PV ERICÓ	747/N	RR	1982
EQ.MOV. AJARANI	07/N	RR	1976
EQ.MOV. CAUABURI	08/N	AM	1976
FA SURUCUCUS	03/N	RR	1976
FA DEMINI (*)	04/N	AM	1976

(\*) a ser implementado

II. CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO YANOMAMI

Em sua maior parte, o território Yanomami está coberto por densa floresta equatorial úmida, embora existam algumas clareiras de vegetação esparsa. O terreno é, em geral, bastante acidentado, principalmente, nas áreas próximas ou junto às Serras Parima e Pacaraima ,

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

que constituem o divisor de águas que separa as bacias do Amazonas e do Orinoco e que também servem de divisa internacional entre o Brasil e a Venezuela. Em consequência desse relevo acidentado, a maior parte dos rios são muito encachoeirados, o que torna o acesso fluvial a muitas localidades, senão impossível, pelo menos, extremamente difícil.

Deve-se ressaltar, porém, que dentro desse tipo geral de floresta equatorial, existem vários eco-sistemas locais, com características próprias, de acordo com as condições específicas de altitude, com posição de solos, sedimentação dos rios, precipitação pluviométrica, etc.. Assim, encontramos bastantes diferenças de fauna, flora e outros elementos naturais em regiões como, por exemplo, o alto rio Auaris, a Serra de Surucucus, o alto rio Catrimani, ou o alto rio Negro.

Esse habitat dos Yanomami, também conhecido como Maciço das Guianas, representa uma das formações geológicas mais antigas do continente sul-americano. Em consequência, os solos são, em sua grande maioria, extremamente pobres e inadequados à agricultura intensiva. Segundo o levantamento realizado pelo Radam Brasil em 1975-76, são os seguintes os dados percentuais quanto à fertilidade do solo em território Yanomami.

Áreas de capacidade natural baixa	11,53%
Áreas de capacidade natural muito baixa	37,04%
Áreas de capacidade natural não significante.	11,29%
Áreas de proteção permanente	40,12%

Isto significa que quase metade da extensão do território Yanomami é considerado como totalmente inadequado à agricultura, merecendo atenção especial, no sentido de ser, permanentemente, protegida contra uma utilização indevida que teria como resultado inevitável o esgotamento irreversível de seus recursos naturais.

Entretanto, mesmo em condições de solos tão pobres, os Yanomami têm conseguido, durante séculos a fio, extrair uma subsistência perfeitamente satisfatória, sem com isso pôr em risco o precário equilíbrio ecológico da região. Para conseguir esse resultado, os Yanomami

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

mami (e os demais grupos indígenas da Amazônia) desenvolveram mecanismos de organização que permitem essa feliz combinação de subsistência adequada e conservação dos recursos naturais. Vejamos que mecanismos são esses e como contribuem para o equilíbrio social e ecológico.

### III. CARACTERÍSTICAS CULTURAIS DOS YANOMAMI

#### a) PADRÕES DE ASSENTAMENTO

A delimitação do território Yanomami deve levar em conta, necessariamente, sua forma de ocupação da terra.

Há uma variação considerável nas habitações Yanomami. Na sua maioria, as casas constituem-se em uma grande maloca de forma cônica ou em círculo aberto. Encontram-se grandes malocas isoladamente ou, em tamanhos menores, agrupadas em conjuntos. Já na região do alto rio Auaris e do rio Uraricaã, as casas são pequenas, geralmente de duas águas, múltiplas, retangulares, dispostas livremente no terreno, sem obedecer a um plano geométrico fixo.

Qualquer que seja seu formato, uma casa Yanomami, mais comumente, de 30 a 150 habitantes, embora as maiores possam abrigar até perto de 300 pessoas. Cada casa está dividida em um número variável de compartimentos familiares que constituem o núcleo doméstico de famílias elementares ou extensas.

As aldeias (que podem ser constituídas por uma ou várias malocas) mantêm entre si intenso contato consolidado por relações econômicas, matrimoniais, rituais, ou de fraternidade. Da movimentação entre aldeias ou conjuntos de aldeias depende a dinâmica e o equilíbrio da vida econômica e social das comunidades Yanomami. Essa movimentação envolve, frequentemente, contatos intensos e prolongados entre aldeias que distam de um a cinco dias ou mais, de viagem a pé pela floresta ou, mais raramente, de canoa. Em termos de distância linear, isto equivale a cerca de 10 a 100 quilômetros.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Para manter as relações econômicas e sociais intercomunitárias, fundamentais a seu modo de vida, os Yanomami percorrem distâncias que atingem muitas vezes um raio de cerca de 150 Km. Os índios Yanomami de Toototobi mantêm, por exemplo, ligações intercomunitárias com cerca de 25 grupos locais.

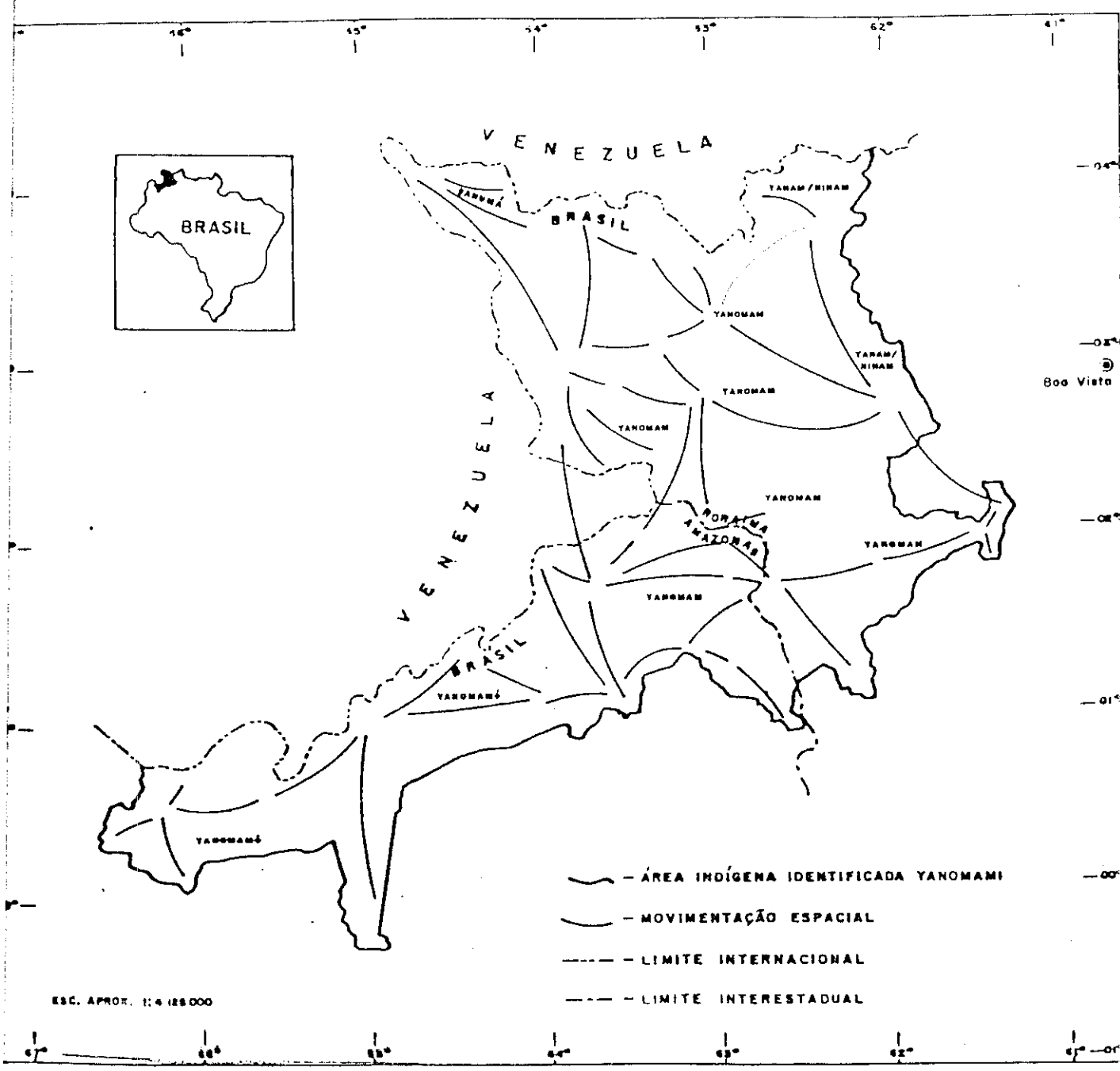
A epidemia de coqueluche de 1981 alastrou-se através de praticamente todo o território Yanomami.

Se representamos a ocupação territorial da população Yanomami como se fosse um continuum de aldeias, digamos, de A a X, mesmo que estas últimas, especificamente, não se comuniquem diretamente, nem tenham mesmo conhecimento uma da outra, os laços entre as aldeias intermediárias A-B-C-D, etc., resultam numa cadeia de elos contínuos. O efeito desses elos é o de uma vasta rede de interligações de comunidades, uma verdadeira trama tecida em plena floresta, criando conjuntos de aldeias cujos raios de influência e comunicação se justapõem aos de outros conjuntos e assim sucessivamente, cobrindo todo o território Yanomami. Os espaços entre aldeias que, num mapa estático convencional representando a simples localização de malocas num dado momento histórico apareceriam como "vazios", são, na realidade, totalmente utilizados pelos Yanomami, de uma maneira racional e perfeitamente condizente com as condições ecológicas de seu habitat.

Esses espaços entre aldeias, atravessados constantemente pelos seus habitantes, de fato, representam uma resposta dos Yanomami às demandas que lhes são impostas por um meio ambiente pobre em solos cultiváveis e de frágeis recursos faunísticos, cuja renovação depende de um esvaziamento periódico das áreas utilizadas. Uma comunidade que explore um determinado nicho ecológico não poderá manter o mesmo padrão de vida, com suficiente produção agrícola, caça e pesca se permanecer no mesmo local por mais de três a cinco anos. Os solos se esgotam, a caça rareia e os produtos da floresta, necessários para a construção de casas e feitura de instrumentos de trabalho e outros utensílios tornam-se escassos, forçando os moradores a longas jornadas para chegar a novas fontes desses recursos. Assim, a cada três ou cinco anos, os Yanomami transferem suas malocas para novos locais da flo

REDES DE INTERAÇÃO ENTRE COMUNIDADES E SUBGRUPOS DECORRENTES  
DAS NECESSIDADES ECOLÓGICAS, ECONÔMICAS, SOCIAIS, POLITICAS E RELIGIOSAS  
DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA YANOMAMI DO BRASIL

( CCPY, 1984 )





MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

resta, deixando os antigos em fase de pousio, para o rejuvenescimento do solo, fauna e flora. Deixada desse modo, a antiga floresta terá a oportunidade de se reconstituir dentro de 50 a 100 anos, dependendo da fertilidade específica de cada eco-sistema. Isto significa que, em duas ou quatro gerações, é possível re-utilizar o mesmo espaço anterior, com todas as vantagens que a floresta oferece. Para isto, é imprescindível que os indígenas mudem suas aldeias periodicamente. Graças a esses padrões de assentamento disperso e móvel, os Yanomami têm conseguido extrair uma subsistência contínua por séculos a fio com grande sucesso adaptativo. Para tanto, desenvolveram mecanismos de trabalho e de relações sociais que contribuem para que seja mantido esse desideratum ecológico que, na Amazônia, representa população dispersa e sistema agrícola e extrativo de pousio.

Essas condições de mobilidade espacial resultam em dois tipos de migrações:

1. micro-migrações, num raio de três quilômetros, determinadas pela necessidade de se refazer as roças, em média, a cada dois anos;
2. macro-migrações, num raio de cerca de 10 a 30 quilômetros, devido ao esgotamento da terra e do potencial de caça e coleta, a mortes ou epidemias e hostilidades eventuais entre as comunidades, provocadas por alterações nos sistemas de alianças políticas e matrimoniais entre as comunidades.

As velhas roças abandonadas em decorrências das migrações tradicionais são, entretanto, usadas ainda por muitos anos, para colheita de alguns dos produtos anteriormente cultivados, cujo ciclo de aproveitamento é bastante longo, como a pupunha, certos tubérculos e várias espécies de bananeira. Após o necessário período de recuperação ecológica, a área pode ser novamente ocupada pelos descendentes do mesmo grupo ou por outro grupo residencial.

As áreas compreendidas entre as diversas aldeias ou entre os conjuntos de aldeias, bem como as áreas de perambulação, estão cobertas por uma densa rede de picadas, pontilhadas de inúmeros acampamentos de caça e de tapiris utilizados durante as viagens. Radiando de

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

cada aldeia essas picadas se espraiam para roças recém abertas, em utilização ou já abandonadas, para outras aldeias, para fontes de água, de frutos silvestres, locais ricos em certas matérias primas, formando um emaranhado de caminhos mantidos abertos pela utilização constante que deles fazem os moradores dessas aldeias.

Cada parcela da floresta é aproveitada, tem nome, é percorrida com íntima familiaridade e impregna a memória do grupo, através de relatos históricos e mitológicos, desde os tempos mais remotos. São exatamente esses fatos que devem estar constantemente associados à conceituação de território pelos Yanomami, território esse que não se pode limitar ao local e imediações das aldeias, sob pena de se cometerem erros gravíssimos que afetariam inexoravelmente a sobrevivência física e cultural desse grande grupo indígena.

b) PRODUÇÃO ECONÔMICA

Embora não exista entre os Yanomami o conceito de propriedade de terra, do modo que esta é conhecida no mundo ocidental, o consenso geral é de que cada aldeia tem direito a explorar os recursos de um dado território, no qual os seus habitantes praticam a agricultura, a caça, a pesca e a coleta. Esse consenso é raramente infringido e quando isso ocorre, existem mecanismos internos que asseguram uma compensação paga pelos infratores. Por exemplo, o produto de caça realizada em território alheio é entregue, em parte ou inteiro, aos membros da aldeia que usufrui desse território, se assim estes estipularem.

O sistema de plantio segue o padrão praticado pelas demais populações indígenas da Amazônia, que é a agricultura de coivara ou itinerante. Utilizam, de preferência, terras recobertas de floresta virgem ou rejuvenescida, onde as roças são feitas em círculo e, se houver declive, as plantas são distribuídas por espécie, de acordo com os níveis do terreno, a saber: mandioca, algodão nas partes mais altas, bananas, fumo, tubérculos, nas partes mais baixas. Se o terre

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

no for plano, as plantas são mescladas, o que trás, igualmente, vantagens em termos de utilização parcimoniosa dos nutrientes, de controle de pragas, etc.. Por seu tamanho reduzido, atendendo às necessidades de uma população local pequena, as roças Yanomami não levam à degradação do solo, nem à destruição da floresta. De fato, o tipo de policultura praticada por eles tem sido considerada como a mais racional que se conhece, em termos de conservação, não só do solo, como também da fauna, da flora e dos demais elementos do eco-sistema (vide, por exemplo, Meggers 1971, Vanzolini 1980).

Os Yanomami utilizam ao redor da casa uma área média de 900 m<sup>2</sup> por pessoa, para abrir roças, onde cultivam mandioca, macaxeira, cará, taioba, batata doce, banana, cana de açúcar, mamão, fumo e vários tipos de plantas utilizadas na produção de artefatos, ornamentos e substâncias de valor mágico-religioso. Além disso, uma área concêntrica, consideravelmente mais extensa, cujo raio é de, aproximadamente, 15 Km, o equivalente a três horas e meia de caminhada, a partir da casa. Esta área é usada para a obtenção de recursos igualmente indispensáveis à dieta e vida material dos Yanomami, mas de distribuição esparsa e/ou aleatória que são, essencialmente, os produtos de caça, pesca e coleta. Pode-se dizer que, para uma aldeia de tamanho médio, essa área seria de cerca de 707 Km<sup>2</sup>. Para que se possa compreender a importância dessa área maior basta notar, por exemplo, que a coleta, embora represente apenas 20% dos produtos alimentícios, é uma fonte imprescindível de proteínas vegetais que equilibram a deficiência proteica dos produtos da roça (tubérculos e bananas) e a irregularidade da caça e da pesca. A floresta fornece, ainda, a maior parte das matérias primas usadas na produção de artefatos (fibras, cascas, madeiras, tabocas, resinas, folhas, barro, etc).

## c) RELAÇÕES SOCIAIS

Na produção de bens e alimentos as tarefas são distribuídas pelos membros da família ou da comunidade, de modo a não criar privilégios para alguns em termos de lazer, com a conseqüente sobrecarga de outros membros do grupo. Também na distribuição e consumo de bens e

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

alimentos, o acesso aos recursos, tanto naturais, como beneficiados, é igual para todos os habitantes da comunidade. Existem padrões de distribuição de caça, por exemplo, que obedecem as regras estabelecidas pela cultura e que resultam no suprimento alimentício de todos os membros sem discriminação.

Esse tipo de distribuição igualitária não se limita aos membros de uma dada aldeia. Não é raro haver excedentes de produtos de roça numa comunidade. Nesses casos, os donos do excedente convidam pessoas de outra aldeia para partilhar dos alimentos. Para isso, a aldeia convidada, que muitas vezes comparece em peso, permanece em visita por várias semanas, ocasião em que se trocam notícias, se arranj<sup>am</sup> casamentos, se planejam caçadas conjuntas, se solidificam alianças políticas.

Por ocasiões rituais, como nas festas em homenagem aos mortos, a aldeia anfitriã recebe a visita de várias aldeias. Essas cerimônias podem durar de três dias a uma semana. Em etapas pré-estabelecidas, o morto é reverenciado, rixas entre os presentes são trazidas a público, discutidas e, muitas vezes, resolvidas, os homens praticam xamanismo, fazem-se danças e cantos diurnos e noturnos, desenvolvem-se duelos estilizados e há, finalmente, a distribuição de grande quantidade de alimentos aos visitantes, além de trocas de objetos entre anfitriões e convidados.

Uma das características mais marcantes da organização social Yanomami é a capacidade de segmentação das aldeias e de proliferação de grupos locais, o que representa mais um fator a inibir uma concentração exagerada de pessoas numa determinada aldeia. Assim, quando uma comunidade alcança um certo número de pessoas, a tendência é surgir uma rivalidade política em seu seio, de modo a estimular os membros de facções opostas a se separarem. Neste processo, uma parte da aldeia se afasta, instalando-se em local próprio, já afastado do original. As relações entre esses dois grupos locais podem manter-se amistosas por algum tempo, mas tenderão a se distanciar cada vez mais, geográfica e socialmente. Desse modo, com uma motivação política e social acentuada, os Yanomami praticam, com efeito, um sistema altamen

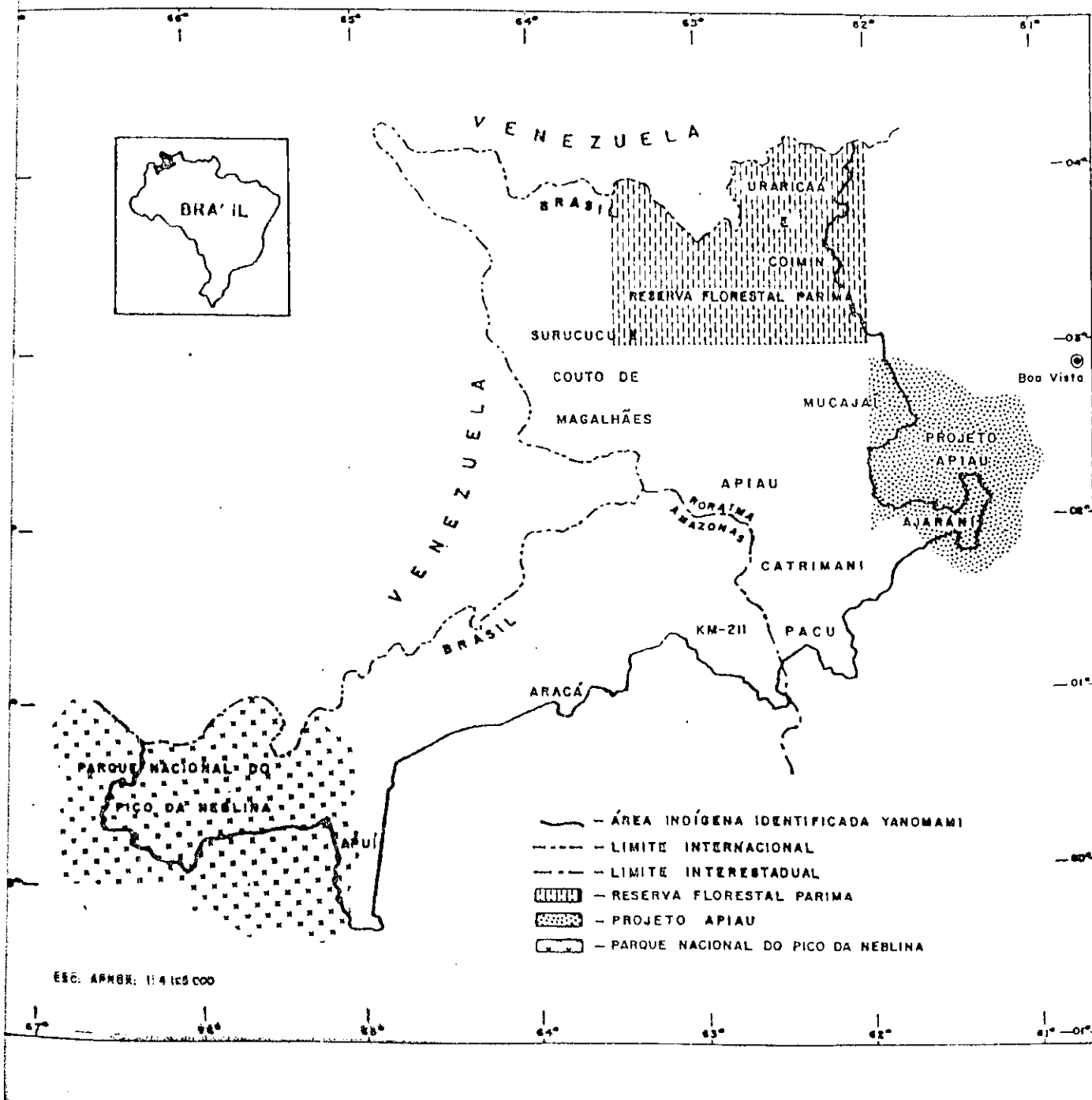
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

te racional em termos de utilização de recursos naturais. Ao buscarem novos sítios para residência e roças, os membros de grupos dissidentes estão, na realidade, aliviando a pressão demográfica sobre a utilização de recursos de uma dada área, que ficaria sobrecarregada se a população da comunidade original crescesse e permanecesse concentrada no mesmo local por tempo indefinido. A sedentarização, que pode ser observada em alguns casos onde missões religiosas exercem influência de atração e aglomeração, provoca rapidamente o esgotamento dos recursos naturais, transtornando as relações de trabalho e produtividade, uma vez que mais esforço é necessário para se conseguir resultados iguais ou menores do que nos casos de aldeias dispersas com exploração rotativa do meio-ambiente.

#### IV. SITUAÇÃO DE CONTATO

Até os fins de 1973, os contatos dos Yanomami com a sociedade envolvente foram esporádicos: expedições científicas, Comissões de Limites, missionários, membros da FAB e indivíduos engajados em atividades extrativistas - castanheiros, gateiros, coletores de bala e seringa. A partir dessa data, programas de desenvolvimento regionais levaram sérios problemas aos Yanomami. Os principais projetos têm sido: construção de estradas, colonização associada à agropecuária e mineração. Decorrente da construção do trecho da Perimetral Norte que corta o território Yanomami na sua parte sudeste, verificou-se, entre 1974 e 1978, a dizimação por doenças trazidas pelos trabalhadores de 22% da população Yanomami do rio Ajarani e de 50% da população de quatro aldeias do alto rio Catrimani, além de inúmeras epidemias de gripe e outras doenças cujas consequências teriam sido calamitosas, não fosse a assistência prestada pelos membros da Missão Catrimani às malocas mais próximas da construção.

REFERENCIA ÀS ÁREAS CITADAS NO RELATÓRIO



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

A descoberta de cassiterita na Serra de Surucucus, em 1975, levou, por sua vez, grande número de garimpeiros ao coração do território Yanomami no Brasil, onde habitam cerca de 4.000 índios. Da presença ilegal e descontrolada de 500 garimpeiros na região, até 1976, resultaram conflitos entre índios e brancos, tuberculose, doenças venéreas, surtos de gripes e mortes entre os Yanomami de Surucucus.

Por toda parte onde há penetração de brancos na área, têm surgido problemas sérios de saúde entre os Yanomami, com a conseqüente perda de vidas. Isto tem ocorrido há, pelo menos, duas décadas em vários pontos de seu território: na região do rio Demini, com a presença de extratores de piaçaba; na região do alto rio Uraricoera, com a atuação de milhares de garimpeiros no garimpo do Furo de Santa Rosa; na região do Apiaú, com a instalação de colonos através de projetos de colonização. Surtos periódicos de gripe, sarampo, malária, coqueluche têm ocorrido com tal regularidade que põem em sério risco a sobrevivência dos Yanomami como membros de sociedades constituídas.

Entretanto, apesar dessas penetrações, a maior parte do território Yanomami ainda está livre de ocupação permanente por brancos, o que torna a situação de regularização oficial de suas terras como ÁREA INDÍGENA consideravelmente mais fácil do que outras regiões do país, onde áreas indígenas de ocupação imemorial já estão solidamente tomadas pela sociedade nacional. A ausência de conflitos sobre questões de terra na área Yanomami é, nitidamente, um fator positivo e elemento favorável à sua demarcação iminente, antes que tais conflitos venham a ocorrer.

A seguir, são descritas algumas das situações mais difíceis para os Yanomami, no que se refere às conseqüências negativas do contato com frentes da sociedade nacional (1).

a) SURUCUCUS

Embora a situação de contato com a sociedade envolvente seja mais marcante ao longo das áreas periféricas do território Ya

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

nomami, é necessário destacar que a área de maior concentração populacional indígena - a Serra de Surucucus - têm sido a mais visada, devido aos minérios aí descobertos pelo levantamento do Radam-Brasil em 1975. Logo depois de anunciada a existência de depósitos de cassiterita na área, começaram as invasões de garimpeiros, que lá mantiveram um garimpo até meados de 1976, quando foram removidos por ordem do Ministro do Interior, e depois de haverem transmitidos aos índios doenças venéreas, gripe, tuberculose, e provocado conflitos armados com estes.

Atualmente, essa cassiterita vem sendo objeto de interesse de vários grupos econômicos, apesar de a Companhia Vale do Rio Doce, através de sua subsidiária Docegeo, ter declarado que a exploração deste minério em Surucucus não compensa automaticamente os custos que acarretaria para a população indígena da área. Mas, mesmo assim, tramita atualmente no Congresso Nacional um projeto de lei que propõe a abertura de um garimpo de cassiterita em Surucucus. Esse projeto, além de ser inconstitucional, é considerado genocida, uma vez que, se posto em prática, levará, muito provavelmente, ao extermínio das comunidades Yanomami da região. Se aprovado pelo legislativo e acatado pelo executivo, o projeto de lei, legalizaria situações de fato que já existiram aí, oficializando a violação do decreto de delimitação da Serra de Surucucus como área indígena. Desse modo, estimulando novas invasões da área, pondo em risco a sobrevivência de, pelo menos, 4.000 Yanomami.

b) VALES DOS RIOS ARACÁ E MARAUJÁ

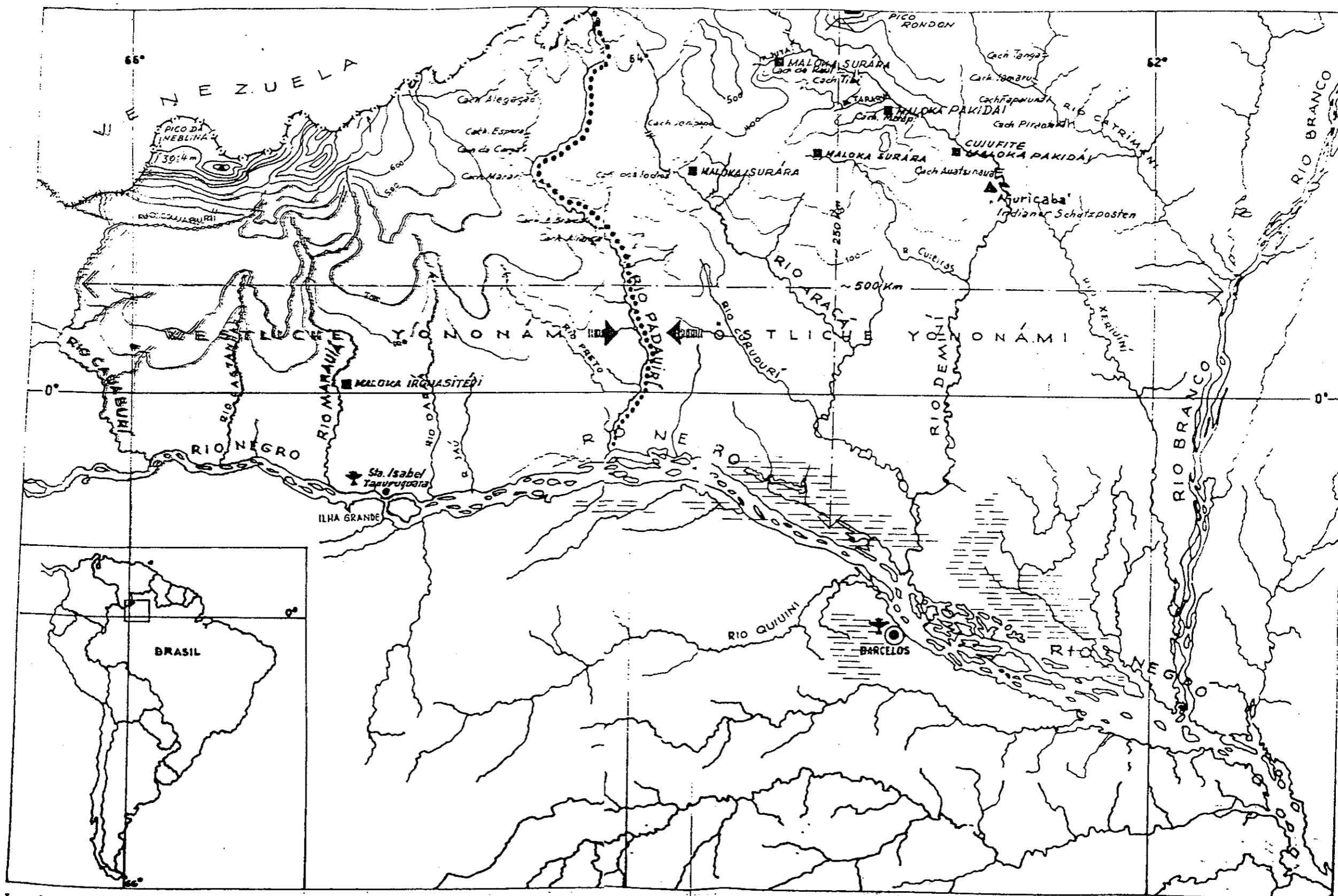
As frentes de expansão no Estado do Amazonas são formadas por pequenos núcleos ribeirinhos, uma população amazonense humilde, muitas vezes migratória, vivendo de extração de piaçaba, seringa, cipó e balata. Os Yanomami mantêm interação com ela, através de

- (1) Para maior informação da situação de contato, consultar o Relatório Yanomami 82, recomendações para a criação e estruturação do Parque Indígena, CCPY, 1982.



Ocupação Yanomami dos Rios Demini e Marauá

MAPA DE AUTORIA DE HANS BECHER, 1970



Lage des Siedlungsgebietes der Surára, Pakidái und Ironasiteri.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

troca de serviços em vários pontos dos rios Demini, Paduari, Aracá e Marauiã e, mais especificamente, nas proximidades da Cachoeira da Aliança, no rio Paduari e na cachoeira do Aracá. Há, pelo menos, 15 anos, os índios Yanomami, periodicamente, se empregam nos pequenos núcleos ribeirinhos, em grupos de 10 a 15 pessoas, em troca de farinha, redes, panelas, terçados e armas de fogo. Chegam a trabalhar até seis meses para ganhar uma espingarda.

Ao longo do rio Marauiã, famílias inteiras de regionais migram e se assentam parte do ano à beira do rio, extraíndo se ringa (1). No meio deles vivem 65 Yanomami, os IRONASITHERI, também conhecidos como os índios do Apuí, em precária situação de saúde, atingidos por alcoolismo, tuberculose e malária, endêmica na região (2).

Os Ironasitheri mantêm transações comerciais também com regatões atraídos à região pelos regionais assentados à beira do rio Marauiã e com comerciantes na cidade de Tapuruquara. Os índios encontram-se em condições de desigualdade para com a população branca, sendo alvo de exploração e doenças (a malária é endêmica aí, havendo também casos de tuberculose). Sem assistência, conscientes de sua situação como espoliados, vivem inconformados e num clima de tensão que poderá ser remediado com a resolução da questão fundiária e com uma assistência adequada.

Outra comunidade Yanomami, Parahitheri, uma população de 78 índios, vive na Serra de Gurupira em situação igualmente crítica. Em 1982, esses índios, vitimados por doenças, e em desespero de causa, chamaram os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil para assistí-los. Nesse ano, a comunidade foi vítima de uma epidemia de sarampo e outra de coqueluche, com o conseqüente número elevado de óbitos. A coqueluche penetrou na área através de uma cadeia de conta

- (1) Em 1981, a equipe de saúde FUNAI/CCPY encontrou 18 famílias assentadas ao longo do rio Marauiã.
- (2) Os índios do Apuí encontram-se fora da área interdita. Há uma proposta de delimitação elaborada pela FUNAI em 1978, de uma área de 223.400 ha., que garantiria a esses índios o intercâmbio com os grupos locais do alto rio Marauiã, dos quais são originários - (vide anexo 8).

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

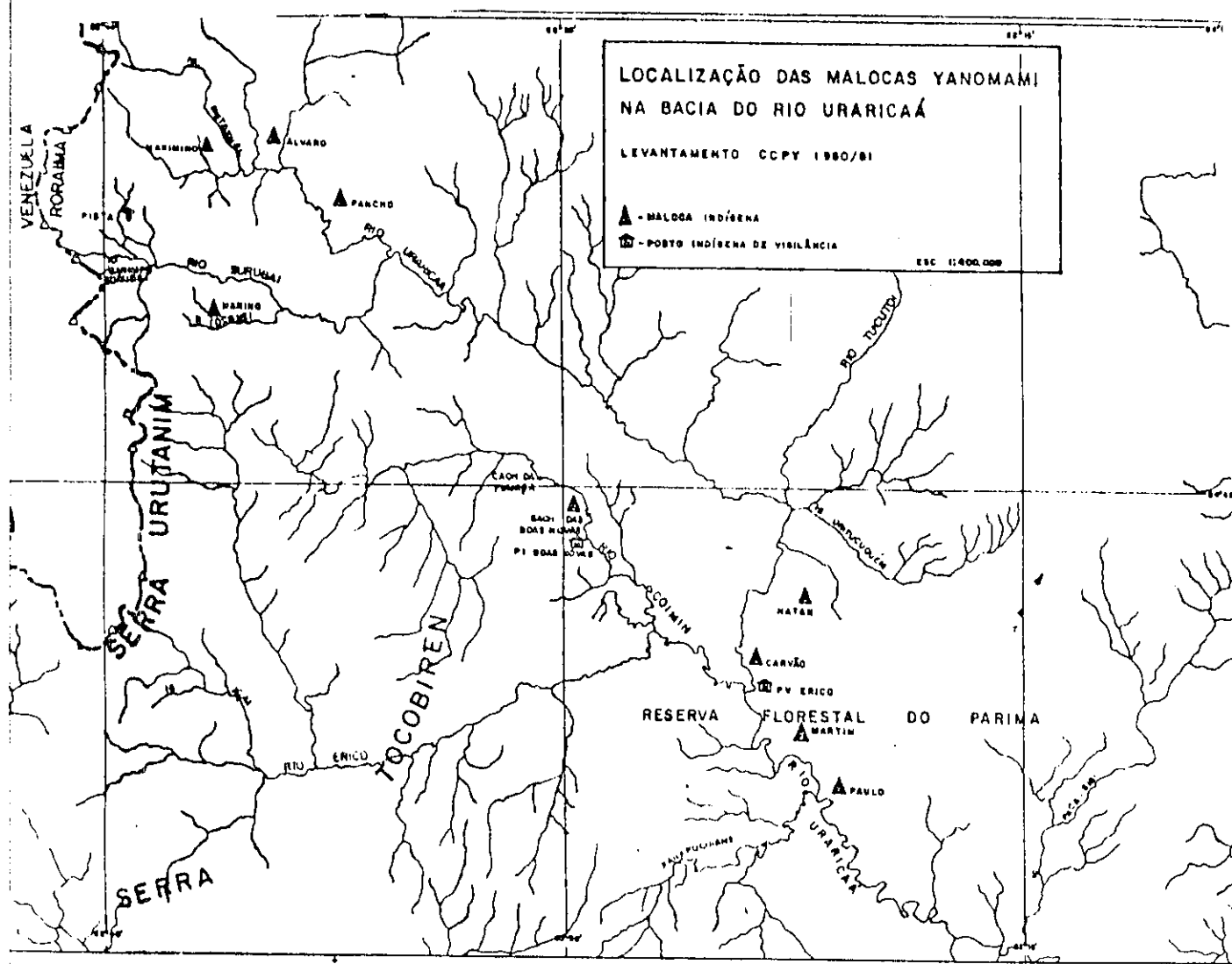
tos que os índios mantêm entre si e com os regionais, alastrando-se por quase toda a área Yanomami do Estado do Amazonas, atingindo centenas de índios. Constata-se, assim, que as populações periféricas e sem assistênciã são extremamente vulneráveis a violentos surtos epidêmicos que rapidamente devastam populações inteiras de comunidades isoladas e sem imunização.

É conhecido também o fato de que os Yanomami no Amazonas mantêm uma rede de fornecimento de armas de fogo, através de regionais que penetram na área. A introdução dessas armas entre os Yanomami e a sua conseqüente troca entre comunidades isoladas são desastrosas. A sua superioridade em relação às armas convencionais indígenas cria uma tal desigualdade de forças que pode desencadear situações potencialmente irreversíveis. Incursões guerreiras ocorrem em determinados momentos históricos, não só entre comunidades Yanomami brasileiras, mas entre grupos locais do Brasil e da Venezuela. Missionários da Novas Tribos do Brasil que trabalham no Amazonas têm conhecimento de, pelo menos, dois ataques armados, um em 1970, outro em 1979, contra uma comunidade Yanomami na Venezuela, vitimando dezenas de índios.

c) VALES DOS RIOS URARICAÁ, COIMIN e ERICÓ

Na região dos rios Uraricaá, Coimin e Ericó vivem cerca de 210 índios. Essa região vem sendo constantemente invadida por levas crescentes de garimpeiros, desde meados da década de 60. Aí, os garimpeiros sempre tiveram um papel preponderante como agentes de mudanças sócio-culturais.

Em Boas Novas, no rio Coimin, existiu no passado uma missão batista, que deixou o local ainda na década de 60. Toda a sua infraestrutura ficou abandonada até abril de 1980, quando pesquisadores da CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais) reabriram a antiga pista de pouso dos missionários.



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Em 1980, a CODESAIMA (Companhia de Desenvolvimento de Roraima) apropriou-se de 20.000 ha de terras no Furo de Santa Rosa, para exploração de ouro. Em consequência disso, em fins do mesmo ano, milhares de homens alcançavam o garimpo, entrando clandestinamente na região pelos rios e, ocasionalmente, utilizando aviões. A situação fugiu ao controle das autoridades e nem mesmo a Portaria GM 025/82 de interdição da área Yanomani conseguiu impedir as invasões.

Com a reabertura da pista de Boas Novas, o garimpo de Santa Rosa, às margens do rio Uraricoera, de difícil navegação, passou a ser alcançado mais facilmente, beneficiando os milhares de garimpeiros que, em fins de 1980, invadiam a área. O contato desenfreado trouxe sérios problemas para os índios das redondezas.

Em 1983, o Ministério de Minas e Energia determinou a retirada dos técnicos do DNPM que também operavam na região. Tal medida foi importante, mas não suficiente para evacuar os trabalhadores do garimpo, o qual continua a funcionar ilegalmente na área indígena.

Em decorrência do contato indiscriminado com a sociedade envolvente, que o garimpo levou à região, observou-se um notável aumento na incidência de malária.

Hoje em dia, muitos índios garimpam, falam um português rudimentar, mas, como não sabem ler, escrever ou contar, são, constantemente, enganados nas suas transações comerciais. Seus garimpos são pequenos, explorados pelas próprias famílias, à semelhança do cultivo de suas roças. O ouro é comercializado nas "cantinas" de Santa Rosa ou no posto que a FUNAI mantém na área. O dinheiro raramente entra nas transações, já que é trocado por artigos diversos, combustível, vestuário, ferramentas e até remédios.

d) VALES DOS RIOS AJARANI, CATRIMANI, MUCAJÁ E APIJÁ

No fim da década de 60, o linguista Ernesto Migliazza estimou uma população de 400 Yanomami na região do vale do rio Ajarani. Em menos de 15 anos essa população ficou reduzida a 66 indivíduos, o que representa o desaparecimento de 83,5% daquela população original. Essa mortalidade deveu-se, principalmente, aos seguintes fatos:

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

Em 1973 começou a construção da rodovia Perimetral Norte, que penetrou numa região de contato intermitente de índios Yanomami com caçadores, mateiros e pequenos proprietários da região. O contato maciço e repentino da população indígena com os trabalhadores da estrada resultou na morte de 22% dos habitantes das aldeias afetadas, em menos de um ano, em decorrência, principalmente, de doenças respiratórias introduzidas por esses trabalhadores. "Além das mortes, a prostituição, com consequentes doenças venéreas, a mendicância e o desenraizamento de famílias inteiras, levaram ao esfacelamento de aldeias inteiras" (Ramos 1979).

Em consequência dessa situação calamitosa, surgiu a urgente necessidade de se interditar a área indígena e de se criar um posto de vigilância no cruzamento do rio Ajarani com a BR-210, na altura do Km 49, para impedir a entrada de estranhos na área.

Entre 1974 e 1978, a FUNAI elaborou quatro propostas de delimitação da área indígena AJARANI. Foi eleita uma área de 35.000 ha (FUNAI: Portaria 512/N), que foi, justamente, a menor das quatro áreas propostas. Dois terços da população Yanomami local foram deixados de fora (3), nos Kms 32 e 33 da estrada. A presença da FUNAI, através da instalação do projeto Yanoama, com equipes móveis, exerceu uma severa vigilância sobre a região e tentou desenvolver um projeto de recuperação dos índios do Ajarani. A construção da estrada abriu 225 Kms de floresta, penetrando no Estado do Amazonas e desmatando muito além. O plano era de chegar até o rio Paduari, onde estava previsto o seu encontro com a frente de construção vinda do trecho de São Gabriel da Cachoeira (4), Mas, por falta de verbas, a construção foi sustada.

Sem nunca chegar a ser aberta ao público (5), a BR-210

- (3) Posteriormente, foram elaboradas mais três propostas de interdição. Nenhuma delas aceita como alternativa àquela de 1978 tentativas de se criar uma área contínua incluindo as três regiões indígenas do limite sul do território Yanomami, as do Catrimani, do Pacu e do Ajarani.
- (4) Há outro trecho de 40 Kms da BR-210 ligando-a à BR-307, uma estrada em construção entre São Gabriel da Cachoeira e Cucuí.
- (5) Somente pessoas devidamente autorizadas pela FUNAI podem transitar na Perimetral. Atualmente, ela se tornou quase inacessível a viagens por falta de manutenção, a partir do Km 47, divisa da área indígena.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

transformou-se, isto sim, em via de penetração de doenças contagiosas. Entre 1974 e 1977, duas epidemias de sarampo foram levadas aos Yanomami e se alastraram pela bacia do rio Catrimani, matando 50% de sua população, em quatro aldeias ao longo dos rios Jundiá e Lobo D'Almada. Nos primeiros 15 meses, a partir do início da construção, registraram-se 15 epidemias de gripe com complicações pulmonares (Arquivos da Missão Catrimani). A malária, que há tempo é endêmica na região, tomou proporções epidêmicas.

Com a abertura da rodovia Perimetral Norte, uma colonização espontânea e crescente induziu os índios a procurarem bens manufaturados dos colonos e estes os empregaram como mão de obra barata. A FUNAI, em várias ocasiões, tentou atrair os Yanomami para dentro da área indígena sem sucesso.

O quadro a seguir ilustra o decréscimo populacional da área do vale do Ajarani, a partir do início da construção da BR-210:

ANO	POPULAÇÃO	FONTE
1974	102	Ramos 1979
1975	79	Ramos 1979
1980	71	FUNAI
1983	68	FUNAI
1984	66	FUNAI/CCPY

Os 66 Yanomami que atualmente vivem na região do Ajarani representam os poucos sobreviventes dos 79 que lá residiam em 1975, acrescidos de outros que para aí se mudaram, procedentes do médio rio Mucajaí.

Em março de 1984, era a seguinte a distribuição desses 66 índios:

MALOCAS	POPULAÇÃO
Alfredo	09
Pé de Pato	05
Maria Velha	10
Pedrinho	14
Flechal	10
Perambulando	16
Casa na proximidade do Posto da FUNAI	02

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

No início da década de 80, a imigração espontânea dos brancos transformou-se em colonização planejada do governo de Roraima, com a criação da Vila São José, onde foram assentadas 16 famílias de migrantes do Maranhão, Ceará e Piauí. Ao todo, são cerca de 80 famílias que vivem ao longo dos primeiros 44 Kms da BR-210, em contato constante com os índios do Ajarani.

Das cinco comunidades Yanomami dessa região, duas (Alfredo e Pé de Pato) localizam-se em terras ocupadas por colonos(6). Para as demais foram delimitados 35.000 ha que estão fora da área incluída na Portaria GM/025/82 de interdição.

Um terço da população do Ajarani perambula, permanentemente, ao longo da estrada e, periodicamente, se emprega aos colonos, abandonando o cultivo de suas roças e a vida comunitária tradicional.

A comunidade de Concha Velha, com uma população de cerca de 35 índios, é originária do vale do rio Apiaú. Em consequência de surtos de sarampo que vitimaram sua população, ela se deslocou para a área do baixo Mucajaí, nas proximidades da Cachoeira da Lata, terras tomadas pelo Projeto de Desenvolvimento Agrícola do Apiaú. A comunidade encontra-se sem assistência, em lugar de difícil acesso, atingida pela tuberculose. Desorientados, os mais jovens, frequentemente, deixam as aldeias à procura de trabalho entre os colonos assentados na beira do rio Mucajaí e no crescente núcleo de Alto Alegre. Ao mesmo tempo, continuam mantendo ligações sociais e econômicas com parentes que vivem na região do vale do Ajarani, a uma distância de cerca de 100 Kms, levando consigo o foco de transmissão da tuberculose. Assim, perambulam constantemente pelas estradas Perimetral Norte, Manaus-Boa Vista e estradas vicinais abertas, recentemente, pelos projetos de colonização.

Ainda na mesma região geográfica, entre os rios Apiaú e o alto rio Catrimani, funciona um garimpo clandestino de ouro há ,

(6) Apesar da existência de um relatório da FUNAI, de 1977, que se refere a várias comunidades Yanomami vivendo ao longo da BR-210, entre os Kms 24 e 33.



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

pelo menos, três anos, com centenas de garimpeiros brancos. Em 1983 , a FUNAI, junto com a Polícia Federal, tentou a evacuação desses garimpeiros, sem sucesso. No mesmo ano, a FUNAI foi informada do falecimento de um dos garimpeiros brancos do Apiaú, cuja morte não foi possível apurar mas, segundo os índios Yanomami, resultou de conflitos entre os invasores e um grupo Yanomami ainda arredoio.

Os fatos acima registrados, em áreas direta ou indiretamente afetadas pelo contato indiscriminado, têm ocorrido por falta de uma definição clara da situação fundiária da região. Sendo áreas indígenas, no entanto, elas estão encravadas em projetos de colonização, seus habitantes tradicionais, desenraizados, vivem à beira das estradas, o que claramente, se configura como um potencial foco de tensão. A demarcação do território Yanomami é a medida preventiva necessária para proteger essa população indígena e evitar conflitos futuros.

Podemos afirmar, portanto, que nas áreas periféricas do território Yanomami, onde o contato com frentes de expansão regionais se dá de maneira totalmente indiscriminada, a situação dos indígenas é sempre a pior possível, com relação a problemas econômicos e de saúde; é também aí que está o maior potencial para a deflagração de conflitos, por representarem focos de grande tensão interétnica.

Sem dúvida, a maior ameaça que recai sobre os Yanomami é a invasão contínua de garimpeiros em vários pontos de seu território. Entretanto, uma vez devidamente demarcada a ÁREA INDÍGENA YANOMAMI e criado o Parque, com a instalação de uma infraestrutura adequada, incluindo Postos de vigilância, essas invasões poderão ser sustadas pelos próprios índios, pois estes terão, enfim, as condições materiais necessárias para isso. Poderão tornar-se, assim, os melhores guardiães de seu próprio território.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CONCLUSÃO

Sumário dos argumentos para a definição conclusiva das terras Yanomami.

Considerando que:

1. Os 9.000 Yanomami representam a maior população das Américas com o menor grau de interferência pela sociedade nacional envolvente;
2. Há consenso histórico sobre a antiguidade da ocupação da terra, inclusive onde, em determinadas épocas, não se encontram ALDEIAS;
3. Uma parte considerável dessa população já vem sofrendo grandes danos causados pelos efeitos de um contato direto e indiscriminado;
4. O restante da população sofreu inúmeras epidemias devido a contato indireto com a população regional, causando considerável perdas demográficas;
5. Há necessidade de evitar a propagação de doenças existentes entre os indígenas, que poderão se difundir a outros segmentos da população nacional, como é o caso da oncocercose (90% da população de várias áreas da região da Serra de Surucucus está afetada);
6. A área Yanomami é rica em ouro, cassiterita e minérios radioativos e por esta razão, são contínuas as invasões de garimpeiros à procura de ouro em vários pontos da área Yanomami e ainda há ameaças contínuas de se abrir à garimpagem a área da Serra de Surucucus, onde vivem 4.000 Yanomami praticamente sem contato;
7. A indefinição da situação alimenta constantes invasões e atritos e criando desgaste político;
8. O funcionamento da sociedade Yanomami implica na plena utilização do espaço pretendido;

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

9. Há necessidade de se evitar violências que sempre surgiram por causa de contatos descontrolados, que provocariam: desequilíbrio em sistemas sócio-econômicos relativamente frágeis e consequente destruição da cultura, e mesmo, o extermínio das pessoas;

10. A área prevista inclui zonas de amortecimentos de possíveis choques entre índios e "brancos";

11. Existe conveniência de proteção especial do meio ambiente, por abranger diferentes e peculiares nichos ecológicos, não sendo, portanto, recomendáveis planos de colonização;

12. O artigo 198 da Constituição Federal e a Lei nº 6.001 - Estatuto do Índio, garantem aos índios a posse permanente da terra por eles habitada, reconhecendo-lhes o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais nela existentes, e o Estatuto do Índio ainda lhes garante a permanência voluntária no seu habitat, proporcionando-lhes ali recursos para seu desenvolvimento e progresso (art. 29, V);

13. É da competência da União o estabelecimento de áreas destinadas à posse e ocupação dos índios, inclusive sob a forma de parque indígena.

14. O Conselho de Segurança Nacional já se pronunciou favorável à definição da Área Indígena Yanomami;

15. Apenas a delimitação e demarcação de uma área contínua possibilitará a sobrevivência da comunidade indígena, sem prejuízo de seus valores culturais, tradições, usos e costumes, conforme lhes é assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto do Índio, e face à gravidade da situação e urgência das providências a serem tomadas.

**RECOMENDA-SE**

Enfaticamente a necessária e urgente delimitação e consequente demarcação da ÁREA INDÍGENA YANOMAMI, em sua totalidade, como condição sine qua non para que se possa prestar a essa grande

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

etnia uma assistência de saúde e educacional efetiva a que os índios têm direito e que garanta a sua sobrevivência física e cultural, ao mesmo tempo que lhes proporcione a possibilidade de se prepararem adequadamente para participar da vida nacional, em condições humanamente condignas.

A demarcação da ÁREA INDÍGENA YANOMAMI proporcionará, também, a possibilidade de se preservar recursos naturais que deverão tornar-se preciosos no futuro, mas cuja exploração desordenada atualmente só levaria à sua exaustão com poucos resultados econômicos a nível nacional. A presença indígena em território próprio, devidamente definido, contribuirá para essa preservação, uma vez que as populações indígenas já alcançaram um grau ótimo de adaptação à região, sem efeitos predatórios para a sua ecologia.

/rm.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- Brás Dias de Aguiar "Geografia Amazônica nas fronteiras do norte". Revista Brasileira de Geografia - ano VI nº 3 - Rio de Janeiro, 1944.
- Chagnon, N.A. The culture ecology of shifting cultivation among the Yanomamo indians. Proceedings of the VIIth International Congress of Anthropological and Ethnological Science. Vol. 3, Tokyo, 1968.
- Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY). Parque Indígena Yanomami Proposta de Criação e Justificativas São Paulo, 1979.
- Coudreau, H. La France équinoxiale - Voyage a travers les Guayanes et l'Amazonie - Vol. 2 - Paris, 1887.
- Ferreira Reis, A. C. "As cabeceiras do Orinoco e a fronteira brasileiro-venezuelana". Revista Brasileira de Geografia - ano VI nº 2 - Rio de Janeiro, 1944.
- Hamilton Rice, A. "The Rio Negro, The casiquiare Canal and the upper Orinoco, sept. 1919 - april 1920". Geographical Journal, vol. 58 - nº 5 - London, 1921.
- Holdridge, D. "Exploration between the Rio Branco and the Serra Parima". Geographical review, nº 23, 1930.
- Humboldt, A. von Reise in die Aquinoctialgegenden des neuen Kontinents. Bd. IV, Deutsche Bearb. v. Hermann Hauff. Stuttgart, 1860.
- FUNAI Parque Indígena Yanomami/Documento Brasília, 1980.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- Kock-Grünberg, T.                                    Mitteilungen aus einen Brief von rio Arakasa (alto Uraricoera)Korrespondenz-Blatt der Deutschen Gesellschaft für antropologie, ethnologie, und  urges chichte, Bd. XLIII - Braunschweig , 1912.
- Lizot, J.   "Population, Ressources et guerre chez les Yanomami". Libre 2 - Payot - Paris. 1977.
- Migliazza, E.C.                                    Yanomama Grammar and Intelligibility, ph.D. Dissertation. Bloomington: In diana University, 1972.
- Migliazza, E.C.                                    Mapa: Território de Roraima e alto Orinoco - população indígena/1:1.000.000/ 1970.
- Projeto RADAMBRASIL                            Levantamento de recursos naturais - Vol. 8 e Vol. 11 (mapas de uso poten cial da terra), 1975.
- Ramos, A.R., Taylor, K., Albert, B., Zacquini, C., e Andujar C.   The Yanomami in Brazil, 1979     ARC/IWGIA/SI Documento nº 37, Copenhagen, 1979.
- Ramos, Alcida                                     Hierarquia e simbiose, Relações Inter tribais no Brasil, Editora Hucitec , São Paulo, 1980.
- Salathé, G.   "Les indiens Karimé" Revista del Ins tituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucuman - Argentina - To mo II/2, 1932.
- Schomburgk, R. H.                                 Reisen in Guiana und am Orinoco wähl end der Jahre 1835 bis 1839. Herausg. von O. A. Schomburgk - Leipzig.,1941.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

Smole, W.J. The Yanoama Indians, A Cultural Geography. Austin and London: University of Texas Press, 1976.

Vanzolini, P.E. Conservação e Utilização Científica da Fauna de um Parque Indígena. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, 1980.

Zerries, O  
e  
Schuster, M. Mahekodotedi - Klaus Renner Verlag.

Meggers, B. Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise. Chicago - Aldine, 1971.

/rm.